

AS MÃOS DE MAURÍCIO

Gabriel Ferreira¹

Maurício - é chamado assim por imposição do pai, também Maurício Mas tornou-se destro por vontade materna. De pequeno, logo que a mãe notou suas tendências canhestras, passou a providenciar-lhe blusas de mangas compridas, amarrando o punho da manga esquerda adiante dos dedos dobrados e obrigando-o a manusear seu mundo limitado exclusivamente com a direita. E assim Maurício cresceu temporariamente mutilado até que a mãe não tivesse mais nenhuma dúvida quanto à preponderância da mão direita sobre a esquerda. A mãe ignorava muito e ao morrer levou com ela seus temores de que os canhotos sejam menos propensos à felicidade que os destros.

Neste momento Maurício se prepara para manuscrever uma carta a uma amiga íntima que se mudou repentinamente para a Alemanha, deixando-o aqui à míngua. É quase inevitável a curiosidade em saber como se movimenta a mão esquerda de Maurício enquanto ele escreve com a direita. Indiscretamente violamos o sigilo postal, ainda que na fonte. Mas, se o fazemos, é sem um grama sequer de culpa, já que estamos interessados exclusivamente nos movimentos da mão esquerda de Maurício e não nas sandices de sua alma inconformada.

Papel aéreo na mesa, Maurício escolhe a caneta. Tinteiro nanquim. A mão esquerda espalmada escorrega sobre o bloco de folhas pequenas, aplainando sua superfície e garantindo as condições ótimas para que sua irmã direita possa dizer tudo o que quer sem risco de rugas, dobras ou saliências do papel. A mão direita diz:

Carta a uma mui querida amiga, distante por tanto tempo.

¹ Gabriel Ferreira é natural de Belo Horizonte. cursou Ciências Biológicas na UFMG. Atualmente, é professor em cursos pré-universitários da capital mineira e interior. Em revistas especializadas, publicou artigos técnicos e comunicações científicas referentes à Ecologia, Zoologia e Meio Ambiente. Em 1990, teve dois contos publicados na "Antologia de Conto", da Secretaria de Cultura de Belo Horizonte. Em 2014, publicou o romance "A Escadaria do Acaso".

Salta um espaço que a esquerda prontamente acompanha, e segue.

Seu cartão bateu no tampo e resvalou no coração de quem vacilou no susto de sempre ao receber notícias envelopadas. Vi que você ainda fala o Português. Trata-se de um povo que via carta de Caminha, viu o Monte Pascoal do alto mar, de onde também o fiz no último verão abrasador como nunca deixa de ser o sol do sul da Bahia.

A mão direita estacou e se ergueu no ar, onde permaneceu suspensa por compridos instantes. Cotovelo apoiado na mesa, pernas marcando o ritmo da ansiedade. A mão esquerda acariciou o pescoço e, devagar, percorreu a orelha do mesmo lado enquanto a outra brincava com a caneta muda, presa entre as pontas do indicador e do dedo médio. Buscava longe o que dizer em seguida. Maurício passou em revista, distraidamente, os objetos dispostos sobre a mesa. Alguns livros empilhados num canto, uma ampulheta estática eternizando o presente, seus óculos escuros, e o porta-canetas, construído a partir de uma latinha de cerveja *Henninger. Product of Germany*. Incomodou-se na cadeira e suas mãos voltaram ao papel.

Cheguei de lá levitando e dei com seu cartão Bauhaus debaixo da porta, com os votos do bom e do melhor para o ano que se inicia, aos 29 dias de atraso. Se fiquei assim cheio de alegria foi por você ter pensado em mim daí, que deve estar bonito paca, tinindo de frio no resplendor da neve que já disseram que também queima. Viva a suave satisfação de uma nova perspectiva. Gostaria muito de não ter de usar o correio para dizer que a saudade tem sido bem maior que a distância. Tenho a sede do Atlântico.

A mão esquerda tremeu levemente e sentiu a falta de um cigarro. Houve tempo em que Maurício fumava. Naquela época, em ocasiões adversas assim, a direita segurava o cigarro e ambas tremiam menos. Mas isso já passou. Hoje, em condições normais, suas mãos expressivas

são tranquilas e firmes, donas de impressionante flexibilidade e precisão em suas manipulações. No entanto, se se trata de escrever, apesar dos malabarismos prodigiosos de que a direita é capaz, a esquerda não consegue ir além de garatujas. É como se permanecesse para sempre atada pelas mãos da mãe.

Apesar de sem você, continuamos rindo em longas noitadas no Scaramouche e com vontade de chorar quando não é assim. Até vemos que também não é o caso. No tempo que sobra entre as duas situações temos nos esforçado para entender. Assim é agora já que aqui tá difícil. No país do absurdo. Fica para os acadêmicos do day after explicar o êxodo de tanta gente imprescindível que, feito você, sumiu. Por atacado. No varejo, as consequências nós já sabemos. Todas. E não há música que as faça menor. Mas acabamos aceitando toda essa radicalidade. De qualquer forma vou tentar não ser triste no próximo parágrafo.

Maurício jamais deu importância ao fato de ter se tornado destro compulsoriamente. Acreditava que se houvesse permanecido canhoto teria sido também à sua inteira revelia e, postas as duas mãos na balança, pesaria mais a veemência em prol da direita, de maior destreza e melhor reputação. Afinal a sociedade é destra e a memória da mãe estava resguardada nesse detalhe. O comportamento inato de sua mão esquerda perdeu um grande naco da oportunidade de aprender durante a primeira infância e o comportamento inato da mão direita oferecia riscos às vezes grandes. Nem sempre se saía adequadamente bem no plano das respostas a estímulos inesperados. Não havia onde pôr as mãos quando ocasiões assim se apresentavam e é justamente o que está ocorrendo agora. Mas Maurício não é ingênuo a ponto de debitar tudo o que não pode ao fato de ser um canhoto dissimulado. No momento ele apenas procura as palavras iniciais para começar o parágrafo menos triste que anunciara acima. Mas não as encontra. Provavelmente porque tais palavras insistam sempre em se ocultar naquele lugar inatingível, ironicamente reservado às mãos em momentos como esse e que Maurício desconhece.

Os dedos da mão esquerda tamborilaram sobre a mesa enquanto a direita revolvía com a caneta nanquim as mechas castanhas do cabelo ondulado. Cada mão, a seu modo, caçava as palavras prometidas. O tempo passava rápido e Maurício resolveu escrever o que primeiro lhe viesse à cabeça antes que aquela afazia, ainda que momentânea, o fizesse, mais uma vez, desistir da carta.

Ser ao contrário é o que somos nesse rincão de mundo. Pau-brasil que nasce torto morre torto. Nunca nos habituamos a escrever cartas e quando temos de fazê-lo dá nisso que você está lendo. Daí o uso indiscriminado da primeira pessoa do plural. Falo, com certo receio, em nome de todos os nossos amigos em comum (a quem você chamava de “Bloco do Segura a Coisa”) e que dificilmente te escreverão um dia. Não que não queiram. Apenas não o fazem. Mesmo eu adiei esta carta até hoje por causa de um genuíno sentimento de inaptidão difusa para com as palavras. Quero dizer o que não consigo. Gostaria que você lesse (melhor, relese) estas páginas numa taberna às margens do Reno, como tantas em Colônia, entre canecos de Kolsch e joelhos de porco. É como eu imagino estar te falando agora, ao alcance direto do ouvido, no meio dessas mesas rústicas de mogno e tonéis de carvalho, com o barulho alemão da cidade lá fora modulando a voz. Sonho. Breguices. Metade dos poetas de Língua Portuguesa já circunscreveram a saudade ao limite de sua capacidade. Não sou um deles e não há como dizê-lo em versos. Basta que você se lembre de algum. Qualquer um.

Maurício parou de novo após esse rasgo de sentimentalismo, tão mal garimpado na mina infinita das outras palavras que ele poderia ter usado. Ou das outras formas à disposição. Há tantas para se dizer o mesmo! Mas escrever é essencialmente um ato de emoção e não há utilidade alguma em criticarmos a emoção de Maurício. Só nos é dado gostar ou não de sua forma explícita de traduzi-la, sem nos esquecermos de que a carta não é endereçada aos que ora

a leem, meros violadores de correspondência, mas sim a uma mui querida amiga, distante por tanto tempo. Atenhamo-nos apenas à atuação de suas mãos, especialmente a esquerda. Esta, agora imóvel, espera que Maurício traga o olhar perdido no branco da parede de volta ao branco do papel. Branco. Cartas cansam. O autor parece se dar conta disso e, apesar dos poucos metros de tinta que esticou até aqui, para, para descansar. Esperamos. O cansaço é tão pessoal quanto a emoção.

Retorna em minutos, de cara mais viva e mãos úmidas. Uma mão lavou a outra e juntas molharam o rosto, como é comum entre todos os destros e canhotos que querem fazê-lo. Maurício esperava que, no fundo, a água fria lhe devolvesse o ímpeto com que se lançou às primeiras linhas. As duas mãos repetiram mecanicamente o procedimento inicial sem conflitos de lateralidade. A direita assumiu a caneta e à esquerda coube o resto. E é sobre o resto que a mão direita tenta escrever, já quase sem tesão.

Os questionamentos de Maurício a respeito da validade de cartas, em especial desta carta, vão se tornando mais agudos. As palavras, definitivamente, parecem ter fugido para fora do alcance de suas mãos. Ele pensa em dizer isso à amiga, mas não o faz. A caneta nanquim desobedece à urgência em desenhar as palavras ausentes e se solta por outros traços imaginosos e perfeitos na capa do bloco de cartas. Uma velha casa, telhas, uma ornamentação chinesa, uma mandala, outra mandala, uma rua deserta. Passa-se mais de meia hora. A mão esquerda assume toda a ansiedade tocando freneticamente o corpo e os objetos ao seu redor até encontrar, por acaso, uma foto da amiga em meio aos livros sobre a mesa. O achado finalmente desperta a direita.

Com tanta coisa pra dizer e eu aqui, sem palavras, entre o calar e o repetir. Veja você...

Desde que muito embora você foi, nos perguntamos sempre até quando vamos achar que ainda estamos próximos. O tempo dilata o espaço, aumenta a distância e vice-versa. Em breve não restará a mínima disposição para mandar cartões nas datas ditas especiais. Mas é assim mesmo e eu prometo (aqui falo só por mim) não sentir muito. Espero que

até você voltar o povo tenha readquirido pelo menos parte da dentição e possa sorrir pelado e feliz ao te ver em nossas ruas. Mas como é difícil esperar! Enquanto isso, beije um quadro de Magritte por mim.

Favor desconhecer a obrigação de mandar fotos ou responder. Só se for inevitável. Conheço você. Sua capacidade de ser gentil não convence. Você já tentou ler Gandarelli nessa língua rude?... Deve ser esquisito.

Cuide-se de mim que aqui nenhum de nós ficou de bobeira. Isso equivaleria a não praguejar contra a ida de Salvador Dali, que esse sim, era cabra macho, macho, man de Mannesmann. Lembranças a Schiller que daqui todo mundo te abraça. Hoje tem festa. Amanhã é sábado. Depois eu não, nem sei. Meu seguinte é esse: alívio! Quanto à vírgula, continuo sem poder dominá-la.

No ar, um beijão (forte como em alemão).

O autor não assinou a carta de imediato. Queria lê-la primeiro. A mão esquerda conduziu a leitura, segurando o bloco e passando as páginas. Sozinha. A julgar pela serenidade com que as duas mãos de Maurício descansaram sobre a mesa, era de se imaginar que a carta tivesse agradado. Engano. A mão sinistra prensou o bloco firmemente enquanto a direita o rasgava de cima a baixo. Nem as páginas virgens escaparam. Resultaram dez tiras de papel que a mão esquerda amassou carinhosamente, uma a uma. A mesma mão arremessou, a distância, dez bolinhas de papel, compactas, até a boca faminta do cesto de lixo.

A amiga distante por tanto tempo certamente gostaria de ter recebido a carta, qualquer carta, mas Maurício jamais se importou com isso. As duas mãos são instrumentos básicos para muitos gestos contraditórios, mas Maurício nunca pensa nessas coisas.

